



ESTUDOS ORIENTAIS

VI

HOMENAGEM AO PROFESSOR
ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES



INSTITUTO ORIENTAL

CHIBANES REVISITADO

Primeiros resultados

da campanha de escavações de 1996

por Carlos Tavares da Silva
e Joaquina Soares*

HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

O sítio arqueológico de Chibanes foi dado a conhecer por António Inácio Marques da Costa, em 1906, em *O Archeologo Português*, vol. XI, n.ºs 1 a 4:

«Quem, partindo de Palmela, quiser percorrer a cumeada da cordilheira, a que nos temos referido, pode seguir uma antiga estrada concelhia, que, dirigindo-se pela dita cumeada, serve actualmente os moinhos situados na serra do Louro.

«Tendo seguido esta estrada a uns 1600 metros a SO. do chafariz de Palmela, no sítio denominado alto de Chibannes, encontrei uma pequena mesa ou chã em forma de segmento de círculo, com a corda de aproximadamente 300 metros, onde vi disseminados pelo solo muitos restos da indústria humana primitiva, tais como martelos de pedra, facas, pontas de flecha e raspadeiras de sílex, machados e outros instrumentos de pedra polida e ainda inúmeros fragmentos de louça, tendo alguns d'eles gravuras em que predominam as figuras angulares e em zig-zag, da mesma maneira que os restos de cerâmica prehistorica achados na Rotura.

«Também encontrei, depois de algumas escavações pouco profundas, um fragmento de fíbula de bronze [...] semelhante à que se tem atribuído a época de la Tène, bem como muitos fragmentos de grandes anforas e pedaços de louça saguntina (*terra sigillata*), lustrada e pintada, uma de preto outra de vermelho, um fragmento de vaso de bronze muito bem polido, contas de vidro azul, etc.» (Marques da Costa, 1906, 41, 42).

* Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Com base nos materiais recolhidos quer à superfície quer em algumas sondagens, A.I. Marques da Costa concluiu que a jazida arqueológica tinha origem no Neolítico e que teria perdurado até ao período romano.

No primeiro estudo sobre a identificação do sítio arqueológico que temos vindo a citar, o autor classifica de neolítico, de acordo com a periodização em uso no seu tempo, o material pré-histórico, recolhido «a pouca profundidade ou mesmo à superfície do solo». A observação das fotos que ilustram esse texto permite afirmar a presença, no local, de uma ocupação calcolítica de fácies estremenha, com boa representação das fases média e final. De salientar a abundância de cerâmica campaniforme e, em especial, da taça tipo Palmela. O autor refere também a existência de *queijeiras* cuja associação a materiais campaniformes se encontra actualmente comprovada, e ainda a presença de numerosos pesos de tear (artefactos que ocorrem ao longo de todo o Calcolítico) que designa por «tijolos para suspensão», não se comprometendo com uma classificação funcional.

A envolvente paisagística de Chibanes e a morfologia do local mereceram grande atenção no primeiro estudo sobre a jazida, concluindo o seu autor que a «chã» de Chibanes era uma forma artificial que servira de «assento de um antigo recinto fortificado».

«Na verdade, pelo lado do sul, e correspondente à corda do segmento circular, que forma a planta da mesa no alto de Chibannes, é esta defendida por uma escarpa, que constitui uma muralha natural completamente inacessível, e cuja crista dá, a grande altura, para o vale dos Barris.

«Pelo mesmo lado, uma fenda, que naturalmente se abriu na rocha paralelamente a esta crista, constitui uma espécie de fosso, cuja contra-escarpa é formada pelas rochas que se destacam da escarpa e que servem à fortaleza como de barbacã.

«Pelo lado do norte, o terreno tem a configuração de uma encosta ou ladeira áspera, e nela, seguindo o arco do segmento da chã, se vê um comoro formado artificialmente de terra e pedras. Creio que este comoro é o resto de um antigo muro, que, ao mesmo tempo que servia de suporte a um aterro que ampliava a mesa, era destinado à principal defesa da pequena planura pelo lado norte.» (Marques da Costa, 1906, 42).

Existiria, assim, uma fortificação que, do lado sul, mais inacessível, aproveitava a escarpa natural e do norte (encosta menos abrupta) se encontrava delimitada por amuralhado em arco de círculo.

Em 1908, Chibanes volta a ser objecto de publicação no quadro de um artigo sobre a «Idade eo-metálica (ou do cobre e bronze primitivos)», particularmente dedicado aos artefactos em cobre das estações pré-históricas dos arredores de Setúbal (Rotura, grutas artificiais da Quinta do Anjo e

Chibanes). Discute-se então a problemática da existência de uma Idade do Cobre, correspondente à utilização do primeiro metal em contextos onde a utensilagem lítica de tradição neolítica era ainda muito abundante. Esta fase fora proposta por Villanova no Congresso de Archeologia Prehistorica de Lisboa, em 1880, defendendo este autor não só a existência de uma Idade do Cobre em Espanha, mas também o carácter indígena dessa primeira metalurgia. A. I. Marques da Costa, mais hesitante que Estácio da Veiga (1891, 148), acérrimo defensor de uma Idade do Cobre em Portugal, apresenta a proposta de *Idade eo-metalica*, durante a qual teria sido utilizado o cobre nativo. Os resultados da análise de uma ponta de tipo Palmela proveniente das grutas artificiais da Quinta do Anjo, realizada por C. Lepierre e M. Lachanel, são apresentados em favor da sua proposta: composição quase exclusivamente constituída por cobre (93, 31%).

Nas diversas escavações que diz ter mandado fazer em Chibanes, encontrou artefactos em cobre semelhantes aos da Rotura e aos das sepulturas da Quinta do Anjo «misturados nas mesmas camadas de terra» com outros que lhe pareceram posteriores, da Idade do Ferro e da Época Romana. Reconhecendo embora ter grande dificuldade em classificar cronologicamente alguns exemplares, isola como pertencendo à *Idade eo-metalica*, à excepção de quatro objectos que nos parecem ser de cronologia posterior, um conjunto de artefactos de cobre, tipicamente calcolíticos: 2 punções, 1 espátula, duas lâminas de facas, uma ponta tipo Palmela.

Em artigo publicado em 1910, sub-intitulado «Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes», A. I. Marques da Costa dá-nos conta do principal espólio e das suas interpretações sobre o povoado de Chibanes após a realização de nova e derradeira campanha de escavações. Os resultados mais relevantes respeitam à Idade do Ferro.

A maior limitação a apontar às intervenções de campo de A. I. Marques da Costa foi a não distinção de qualquer estratigrafia:

«[...] nestas excavações encontrei, sem disposição alguma estratigrafica ou ordem cronologica, grande número de objectos congéneres de outros, que já descrevi e que reputo neolíticos e da Idade do Cobre, por serem muito semelhantes aos que encontrei na Rotura e grutas da Quinta do Anjo» (Marques da Costa, 1910, 55).

Esta afirmação leva-nos a considerar a hipótese de aquele arqueólogo não ter atingido os níveis mais profundos, com materiais exclusivamente calcolíticos. Na camada superficial, e eventualmente nas da Idade do Ferro, por hipótese afectadas pela lavoura, teria encontrado materiais pré-históricos provenientes da desmontagem das camadas calcolíticas da área de cota mais elevada da jazida e remobilizados por factores naturais e actividade agrícola.

As ocupações pré-históricas que A. I. Marques da Costa designa por neolítica e da Idade do Cobre têm pouca expressão no artigo em análise. São apresentados alguns materiais de cobre, como um machado plano e uma faca, uma caçoila campaniforme e um possível ídolo de calcáreo.

A partir de um alfinete de osso de cabeça espatulada decorada por dois círculos concêntricos, o autor divaga na procura de paralelos formais até ao Egeu, Egipto, Creta. Admite influências micénicas, as quais teriam chegado à Península de Setúbal quando aqui ainda se vivia em um estádio neolítico (Marques da Costa, 1910, 59).

O difusionismo, de origem mediterrâneo-oriental, comanda claramente as interpretações de A. I. Marques da Costa, enquanto principal factor explicativo da mudança cultural. A valorização de analogias formais, culturalmente descontextualizadas foi um pressuposto que sobreviveu na Arqueologia peninsular até quase aos nossos dias. A monografia dedicada ao *tholos* de Pai Mogo (Gallay *et al.*, 1973), por exemplo, ilustra bem a permanência dessa perspectiva difusionista, baseada em ingénuas comparações de formas e/ou motivos decorativos, provenientes de contextos económico-culturais completamente distintos.

No texto de 1910 é confirmada a abundância de espólio calcolítico e sidérico e ainda a presença de material romano mas, como o espólio das ocupações pré-históricas tinha sido amplamente referido em artigos anteriores, este artigo aborda fundamentalmente as ocupações proto-históricas. A partir da descrição do espólio (organizado por matérias-primas) e das figuras, verificamos a presença de cerâmicas campanienses da 2ª metade do séc. II e séc. I a.C., de ânforas neo-púnicas Maña C2b, dos sécs. II-I a.C., de cerâmica comum de fabrico local e/ou regional (de que se destacam cerâmicas estampilhadas e pintadas de bandas, pequenas taças hemisféricas com furos de suspensão - o tipo de recipiente mais comum no depósito votivo de Garvão). Encontram-se, igualmente bem representados, cossoiros; descrevem-se pesos de rede e diversos objectos de pasta vítrea, nomeadamente contas de colar e fragmento de recipiente de filiação púnica, decorado por motivo fitomórfico nas cores amarela, verde e branca, sobre fundo azul. No que respeita aos artefactos metálicos importa salientar o aparecimento de fíbulas de La Tène II e III, dos sécs. II e I a.C., de anzóis de barbeta e de numismas: asse de bronze, com cabeça laureada e barbada à esquerda, acompanhada de legenda em caracteres latinos, no anverso, e atuns com legenda indígena no reverso, correspondente à segunda emissão de Salácia segundo A. Vives Escudero (1924, T.III: 25, est. 84, nº 4) e integrável nas cunhagens ibero-púnicas de Guadan (1969); médio bronze de Cláudio que

assinala episódica ocupação romana do local, tal como Marques da Costa expressamente reconheceu:

«Sob o domínio romano ainda o castro de Chibanes chegou a ser habitado, pelo menos até ao séc. I depois de Cristo, como o prova claramente a moeda aí achada do imperador Claudio. É certo porém que não se vêem nas ruínas d'esta estação nenhuns restos de materiais de construção caracteristicamente romanos como são as *tegulae*, *imbrices*, argamassa signina, etc. o que parece indicar que o castro não foi habitado até ao fim do longo período da dominação romana na Península. Não é isto para admirar, pois não era necessário tal castro [...] Parte do seu povo espalhar-se-ia pelas vilas rusticas romanas, de que restam vestígios nos férteis campos dos arredores de Setúbal, ou pelos muitos estabelecimentos industriais, que havia nas margens do Sado, para salga e exportação de peixe e moluscos [...] desde o Moinho Novo até ao Creiro.

«A maior parte, porém, da população do castro seria atraída para o importante centro [...] em Tróia» (Marques da Costa, 1910, 82).

O texto sobre Chibanes de 1910 e o espólio da jazida depositado no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia foram reanalisados parcialmente em diversas ocasiões. Recordaremos as mais significativas.

Em 1959, F. Bandeira Ferreira, ao discutir a localização de Cetóbriga, considerava Chibanes a hipótese mais provável. Já anteriormente, A. I. Marques da Costa (1926) tinha proposto idêntica localização. Chibanes reunia as condições topográficas exigidas pelo sufixo briga, possuía ocupações da Idade do Ferro e da Época Romana, embora somente até ao séc. I (Marques da Costa, 1910). A cronologia do abandono do sítio era excessivamente antiga para o pressuposto teórico de F. Bandeira Ferreira. Assim, este autor procede à revisão dos materiais na busca de espólio romano do Baixo Império e da Antiguidade tardia. Encontra, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, na colecção Marques da Costa, fragmentos de *T. sigillata* do séc. II d.C. e moedas dos séculos III e IV atribuídas a Chibanes. A fina análise do texto de 1910 leva-o, porém, a duvidar da proveniência atribuída àquelas peças e a descobrir no material aí publicado (Marques da Costa, 1910, 61, fig. II n.º 459), um fragmento de *sigillata* clara decorada por estampilhagem (Clara D) que não havia sido devidamente reconhecido.

Em 1971, o espólio de Chibanes foi revisitado por Manuela Delgado aquando da preparação de artigo de síntese sobre a cerâmica campaniense encontrada em Portugal (Delgado, 1971). As cerâmicas campanienses de Chibanes surgem, neste artigo, referidas com a proveniência genérica de «Setúbal»:

- 1 exemplar de cerâmica precampaniense (1.^a metade do séc. III a. C.), da forma 21, 22 ou 26;
- 2 exemplares de campaniense A tardia, nas formas 5/7 e 36 (1.^a metade do séc. I a.C. e sécs. II-I a.C., respectivamente);
- 1 exemplar de campaniense B, da forma 3 (séc. II-I a. C.).

Desta cerâmica, foram ilustradas as formas 36 e 5/7 de campaniense A tardia (Est. I, n.^{os} 12 e 13).

Em 1978, Manuel Maia procede à revisão do material anfórico. Dos quatro exemplares da forma Maña C2b, de perfil completo, publicados em 1910, M. Maia apenas localizou três, dos quais somente um conservava a totalidade do perfil. A esses três exemplares acrescenta cinco bicos fundeiros e cinco bocais, perfazendo um número mínimo de seis ânforas, por ele consideradas de fabrico cartaginês. As referidas ânforas pertencem ao tipo Maña C2b e foram produzidas, durante os sécs. II e I a. C., no Círculo do Estreito (quer no norte de Marrocos — Kouass —, quer no sul de Espanha). No que concerne às duas outras ânforas publicadas por A.I. Marques da Costa (1910), M. Maia considera uma delas pertencente à forma Dressel I; a outra, púnica, não foi objecto de observação directa, por motivo de desaparecimento. Trata-se de uma ânfora «íbero-púnica» de que possuímos apenas a fotografia publicada por Marques da Costa, a qual não permite observações de pormenor necessárias a uma classificação fina.

O estudo da necrópole do Galeado (Vila Nova de Milfontes) levou Caetano de Melo Beirão e Mário Varela Gomes a observar o material de Chibanes (1983, 233 e fig.14, n.^o 7), na procura de paralelos tipológicos. Republicam uma tampa de urna de orelhetas perfuradas que havia sido classificada como pequeno recipiente de pé alto e asa perfurada, de fabrico muito grosseiro (Marques da Costa, 1910, 67, est. V, n.^o 490). Esta descoberta constitui uma contribuição interessante já que a distribuição daquele tipo de recipiente é maioritariamente mediterrânea e sobretudo levantina. Em Portugal, surgiu somente em Chibanes, Galeado e depósito votivo de Garvão. Atendendo à cronologia da instalação do *bothros* de Garvão, da 2.^a metade do séc. III a.C. (Beirão *et al.*, 1985), poderemos presumir que a urna de Chibanes pertença à mesma faixa cronológica.

A abordagem da história da investigação do sítio de Chibanes recuperou informação exclusivamente de carácter tipológico. Através das fontes bibliográficas fica bem documentada a existência de uma ocupação calcolítica, de fâcies estremenha, e de um castro da Idade do Ferro cuja fundação poderá remontar ao séc. III, sobrevivendo até ao final do período romano-

-republicano. Curtas e localizadas estadas durante a época romana imperial em que terá ocorrido eventual reutilização de estruturas e, pelo menos aparentemente, nenhuma actividade construtiva, encerram a história deste povoado.

O NOVO PROGRAMA DE ESCAVAÇÕES: CAMPANHA DE 1996

INTRODUÇÃO

Com os trabalhos arqueológicos de 1996, iniciámos um novo programa de escavações e estudo de Chibanes que pretende:

- Conhecer a ocupação calcolítica, a sua periodização, economia e estruturas, tendo em vista obter elementos que contribuam para a compreensão do sistema de povoamento que durante esse período ocorreu na região da Pré-Arrábida (Serras de S. Luís, do Louro, das Torres Altas, de S. Francisco) e onde estão assinalados numerosos povoados calcolíticos como o Pedrão, Rotura, Moinho da Fonte do Sol, Malhadas;
- Determinar a periodização, reconstituir a economia e a organização do espaço edificado do final da Idade do Ferro. Obter, assim, um melhor conhecimento sobre o chamado período romano-republicano, uma das fases mais obscuras da nossa Proto-História. Na Arrábida, esse período encontra-se igualmente bem representado no Pedrão e no Castelos dos Mouros (Tavares da Silva e Soares, 1986).

A campanha de 1996 subdividiu-se em dois períodos: de 29 de Abril a 14 de Maio e mês de Julho. Foi dirigida por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal-MAEDS), coadjuvados por Júlio Costa, técnico do mesmo organismo. O levantamento topográfico e a implantação da quadrícula estiveram a cargo de Victor Silva (serviço de topografia da Câmara Municipal de Palmela). O desenho de campo foi realizado por Jorge Costa (MAEDS). Contratarem-se ainda os serviços de nove trabalhadores não especializados. As escavações, da iniciativa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, tiveram o patrocínio do IPPAR, da Câmara Municipal de Palmela e do Parque Natural da Arrábida. Participam ainda no programa agora iniciado: A.M. Monge Soares (datações radiocarbónicas), Carlos Marques da Silva (malacologia), da Faculdade de Ciências de Lisboa, Ernestina Badal (antracologia),

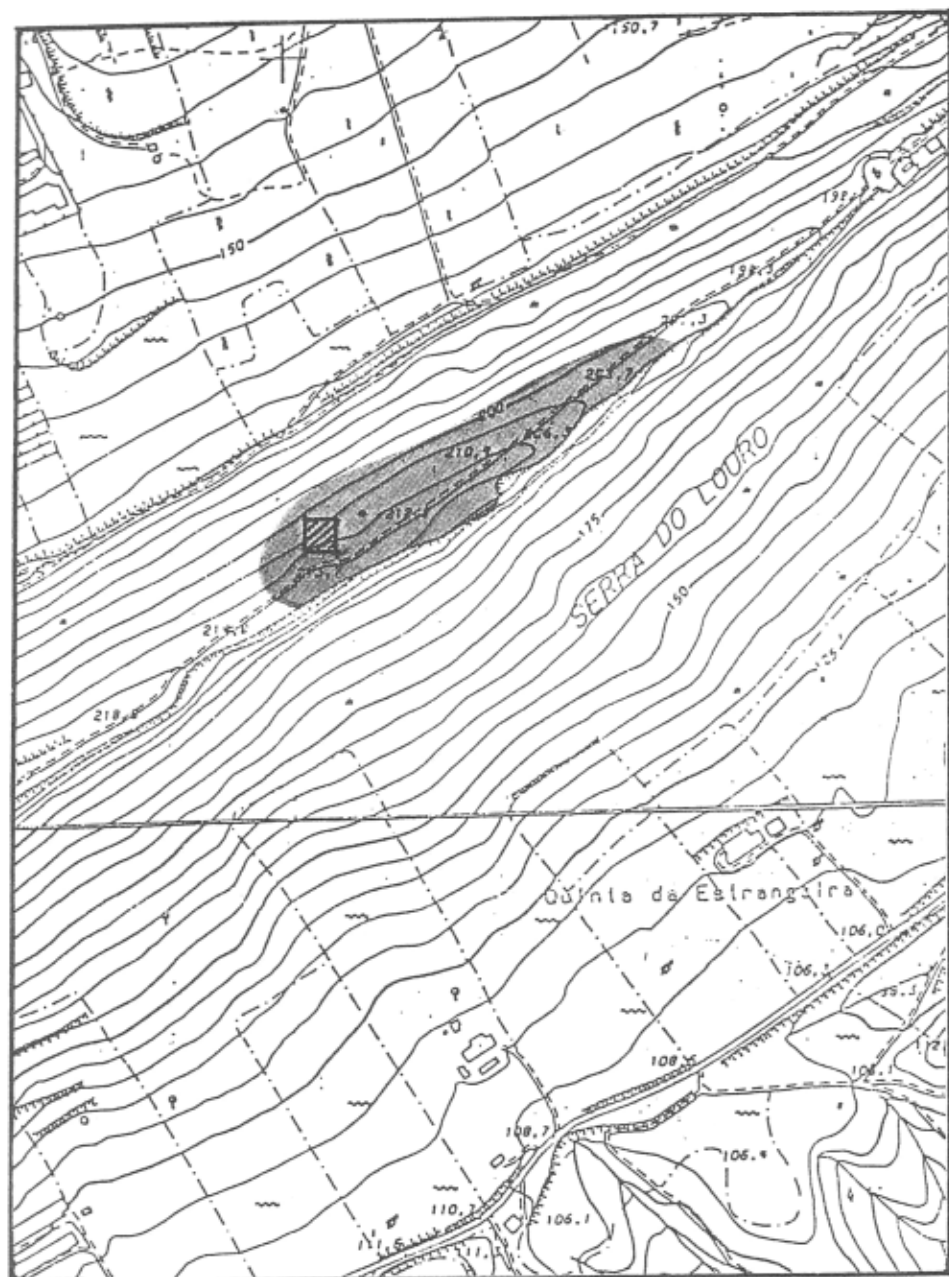
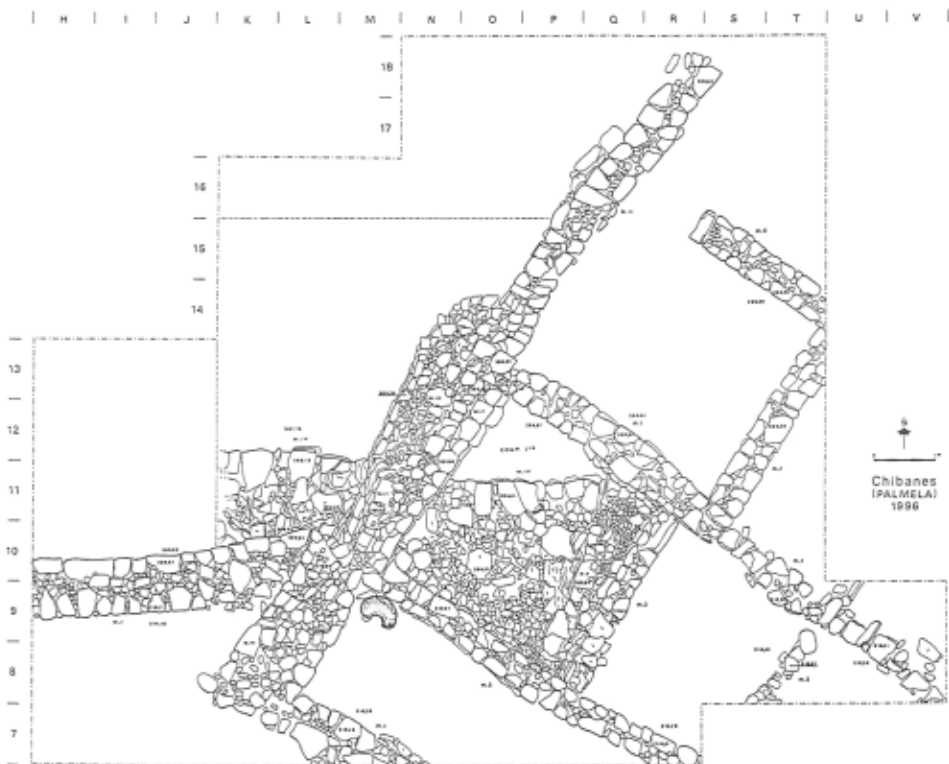


Fig. 1 – Chibanes, 1996. Localização do sector IV (quadrado preenchido por traços na diagonal) onde se realizou a escavação arqueológica. A sombreado, assinala-se a área provável do povoado do Ferro final. Esc. 1:5000

do Departamento de Pré-história da Universidade de Valência, João L. Cardoso (arqueozootologia), da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, M. H. Canilho (petrografia), da Faculdade de Ciências de Lisboa, Pedro R. Beja (ictiologia), do Instituto de Conservação da Natureza.

A área a escavar foi quadriculada em sectores de 20 m de lado, orientados segundo o Norte magnético e designados por números romanos, de oeste para este e de sul para norte (a partir da extremidade poente do sítio arqueológico). Cada sector foi dividido em quadrados de 1 m. de lado, designados por letras maiúsculas (de oeste para este) e números árabes (de sul para norte). A escavação abrangeu em extensão grande parte do S.IV (Qs. H7-H13, I7-I13, J7-J13, K7-K16, L7-L16, M7-M16, N7-N16, O7-O16, P7-P16, Q7-Q16, R7-R16, S8-S16, e T8-T16) e os quadrados A8, A9, B8 e B9 do sector V.

Em profundidade, escavámos a área designada por corte L12 e o compartimento (comp.) P10, tendo-se atingido, em ambas as áreas, os níveis superiores da ocupação calcolítica (figs. 1 e 2).



ESTRATIGRAFIA

CORTE L12 – Abrange os Qs. K-M / 11-15 e é limitado a este e a sul, respectivamente, pelas muralhas I e II que afloraram ao ser removida a camada 1A. O corte estratigráfico foi aberto no exterior dessas muralhas, sendo a datação das mesmas objectivo prioritário.

De cima para baixo obteve-se a seguinte sequência (fig. 3):

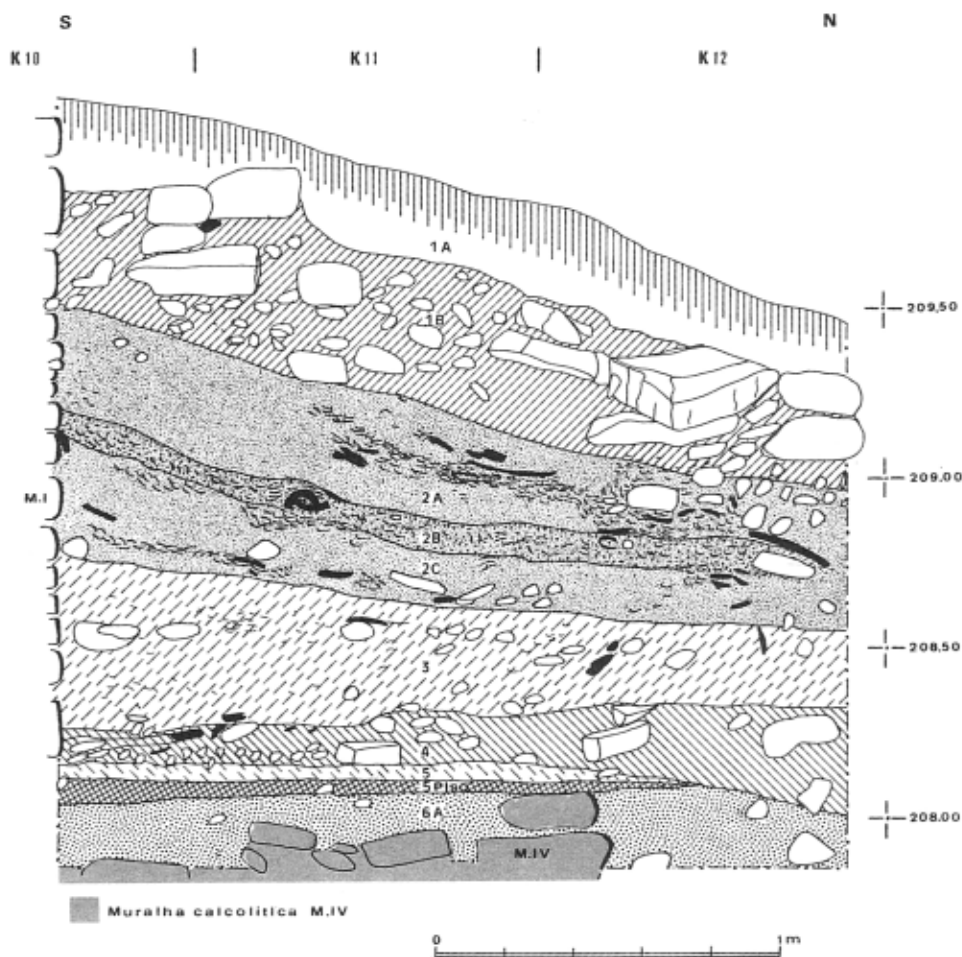


Fig. 3 – Chibanes, 1996. Perfil estratigráfico no *Corte L 12* (indicado como perfil A nas plantas esquemáticas das figs. 7 a 10)

C.1A – Espessura compreendida entre 0,2m e 0,3m. Inclinação de sul para norte. Sedimento negro e humoso. Escassas pedras. Cerâmica muito fragmentada, predominando esmagadoramente a da Idade do Ferro e sendo rara a do Calcolítico/Bronze antigo.

C.1B – Esp. 0,3m-0,4m. Inclinação de sul para norte e de este para oeste. Areia argilosa castanho-amarelada escura com numerosos blocos de calcarenito, alguns de grandes dimensões (dimensão máxima atingindo 0,5m), resultantes do derrube das muralhas I e II. Cerâmicas do Ferro III¹, correspondente ao período romano-republicano.

C.2 – Esp. 0,4-0,7m. Inclinação de sul para norte e de este para oeste. Encosta à face externa das muralhas I e II. Trata-se de lixeira rica em matéria carbonosa, em conchas de moluscos marinho-estuarinos (*Mytilus spp.*, *Venerupis decussata*, *Cerastoderma edule*, *Patella spp.*), em ossos de mamíferos e em cerâmica (fragmentos por vezes de grandes dimensões e em posição sub-horizontal). Parece ter-se formado, de acordo com a cronologia atribuída às ânforas (Dressel I, Maña C2b), à cerâmica campaniense e às paredes finas republicanas, durante o segundo e o terceiro quartéis do século I a.C.

A C.2 subdivide-se, em algumas zonas, em três sub-camadas:

C.2A – Esp. 0,2-0,3m. Areia argilosa cinzenta / negra.

C.2B – Esp. ca 0,1m. Areia argilosa castanho-amarelada clara com evidentes sinais de acção do fogo.

C.2C – Esp. 0,2-0,3 m. Areia argilosa cinzenta/cinzento-amarelada.

C.3 – Esp. 0,2-0,5m. Inclinação de este para oeste. Assenta sobre o topo ravinado da C.4, não atingindo a muralha II. Pelo contrário, encosta à face externa da base da muralha I, junto da qual atinge a sua espessura máxima (ca. 0,5m no Q. K10). Areia argilosa castanho-amarelada, pouco compacta. Conchas, carvões e abundantes fragmentos de cerâmica, por vezes de grandes dimensões. Presença de campaniense de fabrico A. Parece ter-se formado essencialmente a partir de lixos domésticos com aporções

¹ Adota-se a noção de Idade do Ferro III, desenvolvida por Tavares da Silva *et al.* (1980-81). Com esta designação pretende-se abranger os sécs. II-I a.C., faixa cronológica correspondente ao período romano-republicano, valorizando a componente indígena, já que as populações da fachada atlântica, embora sujeitas à pressão do *imperialismo* romano, mantinham a sua identidade cultural.

coluvionares, provavelmente durante o último quartel do séc. II a.C. e o primeiro quartel do século seguinte. Corresponde à fase de ocupação no início da qual foram construídas as muralhas I e II.

C.4 – Esp. 0,10-0,40m. Inclinada de este para oeste. O topo mostra sinais de ravinamento. Encosta à face externa da parte superior da muralha III, atingindo aí a sua máxima potência (Qs. M11 e M12); esta reduz-se rapidamente quando caminhamos para oeste, ou seja, quando nos afastamos dessa muralha: no Q. K10, junto da base da muralha I, a espessura da C.4 é apenas de 0,1m. A muralha II assentou ou fundou-se nesta camada. A C.4 formou-se a partir do derrube da muralha III, sendo muito rica em blocos de calcarenito de médias e grandes dimensões, embalados por sedimento areno-argiloso solto, castanho, e com baixa densidade quer de fragmentos cerâmicos (de pequenas e médias dimensões) quer de restos faunísticos. A cerâmica é da Idade do Ferro e do Calcolítico/Bronze antigo, tendo sido transportada por agentes naturais, a partir de local da jazida com cotas mais elevadas. A C.4 parece corresponder a fase de abandono, período em que a muralha III sofreu importante destruição. A muralha II foi assentar sobre o topo destruído da muralha III ou sobre derrubes (C.4) desta mesma muralha.

C.5 – Esp. 0,1-0,4m. Inclinada de este para oeste. Encosta à base da muralha III, junto da qual atinge a sua máxima potência. Sedimento areno-argiloso, castanho, com pequenos fragmentos de carvão dispersos e poucas pedras, em geral de pequenas dimensões. Cerâmica da Idade do Ferro, em fragmentos pequenos e médios. Junto da muralha III, um piso de argila amarelada, com *ca* 0,05m de espessura, divide a C.5 em dois níveis: 5A e 5B. A C. 5B repousa sobre outro piso igualmente de argila amarela, com 0,08m de espessura máxima.

A C.5, de formação em grande parte coluvionar, corresponde à primeira fase da ocupação sidérica do local, durante a qual foi erguida a muralha III. Esta assentou sobre o topo da C.6.

C.6 – Esp. indeterminada (a escavação não atingiu a sua base). Cobre e encosta à face externa da muralha IV, do período calcolítico. A norte, ou seja, no exterior da muralha IV, distinguem-se duas sub-camadas:

C.6A – Sedimento negro e humoso, com escassas pedras, em geral de pequenas e médias dimensões. Ausência de cerâmica da Idade do Ferro. Abundante cerâmica, de fabrico manual, sendo comum a campaniforme incisa e pontilhada. Trata-se de um paleossolo formado durante a fase de abandono do local, entre a ocupação do Bronze antigo e a da Idade do Ferro.

C.6B – Argila arenosa, siltosa, castanho-escuro, com manchas castanho-amareladas, que embala numerosos blocos de calcarenito de grandes e médias dimensões. Fornece abundante cerâmica manual, em grande parte decorada (campaniforme com decoração pontilhada e incisa). A *C.6B* resultou do derrube da muralha IV.

COMP. P10 – Com a remoção da *C.1A* na área situada a este das muralhas II e III, surgiu um conjunto de compartimentos quadrangulares/rectangulares definidos pelos muros 1 a 7, compartimentos que se adossam aos paramentos interiores das referidas muralhas (fig. 2). Cada um deles foi designado por letra maiúscula e número árabe correspondentes a um dos quadrados neles contidos. No comp. *P10* escavou-se em profundidade, tendo-se observado a seguinte sequência de cima para baixo (fig. 4):

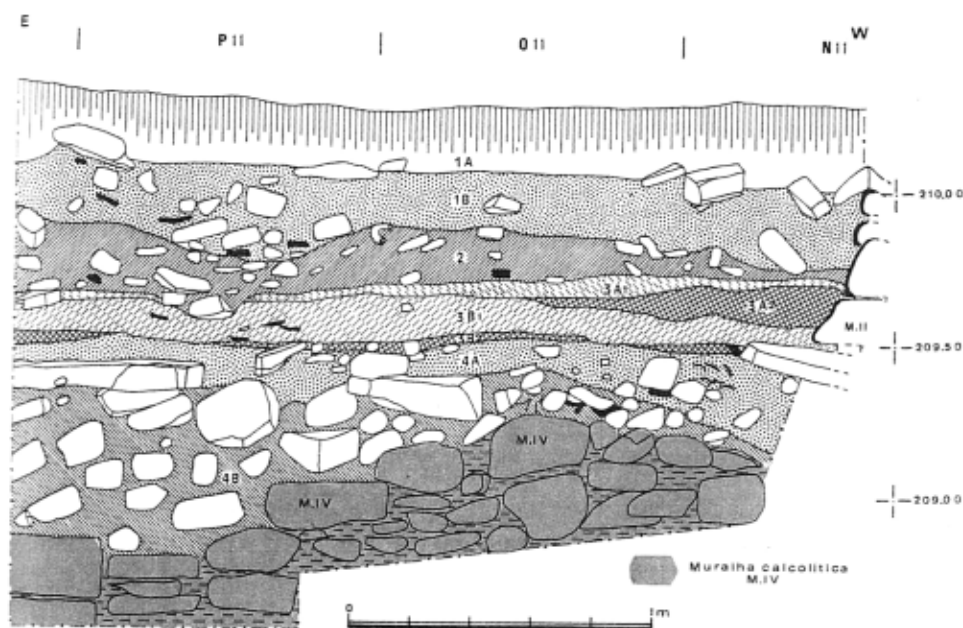


Fig. 4 – Chibanes, 1996. Perfil estratigráfico obtido no *compartimento P 10* (indicado como perfil B nas plantas esquemáticas das figs. 7 a 10)

C.1A – Esp. 0,2-0,25m. Inclinação de sul para norte. Características idênticas às da *C.1A* do corte L12.

C.1B – Esp. 0,2-0,3m. Inclinação de sul para norte. Numerosos blocos de calcarenito, por vezes de grandes dimensões (em média com 0,25m de dimensão máxima, podendo atingir os 0,7m), quase sempre lajiformes e embalados por areia argilosa cinzento-acastanhada escura, coluvionar. Entre os blocos surgiram alguns fragmentos, por vezes de grandes dimensões, de cerâmica tardo-romana (ânfora da forma Almagro 51C).

A *C.1B* resultou do derrube dos muros do compartimento, bem como da muralha II. É possível que aqueles muros se tenham conservado em relativo bom estado até momento avançado da época romana, altura em que, antes da total ruína do compartimento, este tenha sido utilizado, esporadicamente, por grupo humano talvez dedicado à pastorícia.

C.2 – Esp. 0,15-0,2m. Sub-horizontal. Nível de abandono formado por argila arenosa castanho-amarelada, com abundante cerâmica atribuível à III Idade do Ferro (período romano-republicano), em fragmentos, por vezes, de grandes dimensões. Estes depositaram-se horizontalmente na base da camada a qual conserva, em algumas áreas, piso de argila estruturado por lajes de calcarenito. Este piso encosta à face interna do muro 3 que, por sua vez, assenta sobre o topo da camada imediatamente subjacente — *C. 3A1* —. Assim, o muro 3 teria sido construído somente no início da fase a que corresponde a *C.2*. Por conseguinte, o comp. P10, limitado pelos muros 1, 2 e 3 e pela muralha II, é uma realidade só a partir desta última fase de ocupação. No canto NE do compartimento, junto do muro 2, surgiu uma lareira, em fossa, de planta oval, com 1,1m×0,6m e a profundidade de ca 0,15m.

C.3A1 – Esp. 0,1-0,15m. Sub-horizontal. Nível de abandono constituído por argila arenosa cinzento-acastanhada com pequenos fragmentos de carvão dispersos. Abundante cerâmica do Ferro III (período romano-republicano).

C.3A2 – Esp. 0,02-0,05m. Restos de piso argiloso de cor amarelada, estruturado por lajes dispersas, de calcarenito. Nos Qs. O9, O10, P9 e P10, foi construída uma lareira de planta oval, com 1,6m×1,2m, constituída por fragmentos de grandes recipientes cerâmicos, cobertos por camadas de argila.

O paramento interno da muralha II repousa sobre o topo da *C. 3B1*, pelo

que a muralha II teria sido construída no início da fase da ocupação a que corresponde a C.3A. Por outro lado, o muro 3 assenta, como dissemos anteriormente, sobre a C.3A1, e passa sobre a base do muro 2: ele foi, pois, edificado na fase representada pela C.2. Como, além disso, a base do muro 2 se encontrava em conexão com o piso 3A2, podemos concluir que durante a fase correspondente à C.3A, o compartimento seria limitado pela muralha II, a oeste, pelo muro 1, a norte, pelo muro 2 (base), a este e talvez pelo muro 4, a sul.

C.3B1 – Esp. 0,05-0,1m. Sub-horizontal. Nível de abandono formado por argila arenosa, cinzento-acastanhada escura, muito semelhante à da C. 3A1, mas mais rica em pequenos fragmentos de carvão. Abundante cerâmica da Idade do Ferro.

C.3B2 – Esp. 0,05-0,1m. Sub-horizontal. Piso de argila castanho-amarelada, substituída no canto noroeste do compartimento por lajeado de calcarenito que encosta à face interna da muralha III. Nos Qs. P9 e Q9, surgiu uma lareira plana construída a partir de grandes fragmentos de cerâmica, cobertos por capas de argila que ao cozerem por acção do fogo formaram uma placa rubefacta. Esta lareira situava-se junto da porta existente no muro 2 e prolongava-se pelo vão da mesma. Verificámos que ela havia sido cortada pela construção do muro 2 (base). Este muro teria sido construído na fase correspondente à C.3A (figs 5 e 6). Durante a fase correspondente à C.3B, que representou o primeiro momento da ocupação sidérica da área escavada, o compartimento seria muito maior: a sul era limitado pelo muro 4; a este prolongava-se pelo compartimento S8; a oeste era limitado pela face interna da muralha III, pois a C. 3B1 passava sob o paramento interno da muralha II e encostava-se à face interna da muralha III; a norte era limitado pelo muro 1 que partia directamente da muralha III.

C.4 (corresponde à C.6 do corte L12) — Compreende as sub-camadas:

C.4A (somente na metade norte do compartimento) — Esp. 0,2-0,3m. Idêntica à C. 6A do corte L12. Paleossolo com materiais do Calcolítico final e Bronze antigo.

C.4B (somente na metade norte do compartimento) — Esp. 0,2-0,6m. Idêntica à C. 6B do corte L12. Materiais do Calcolítico final e Bronze antigo. Cobria o topo destruído das muralhas IV e V, do Calcolítico.

C.5 (somente na metade sul do compartimento) — Topo sub-horizontal; base muito inclinada de sul para norte, acompanhando a inclinação do substrato geológico sobre o qual assenta. Enchimento de blocos de calcarenito, pequenos e médios, embalados por sedimento muito fino, siltoso, castanho--amarelado. Forneceu cerâmica do Calcolítico. Encosta à face interna da muralha IV e à face oeste da muralha V. Sobre esta camada assentou directamente o nível mais antigo da ocupação da Idade do Ferro (C.3B2).

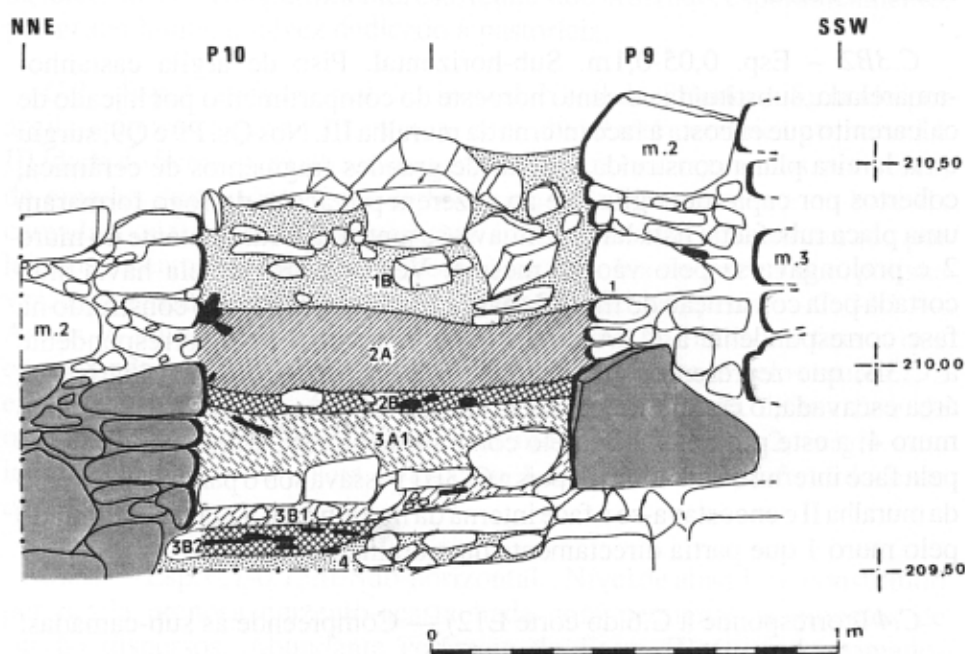


Fig. 5 — Chibanes, 1996. Alçado de parte do muro 2 (muro E. do compartimento P 10) e perfil estratigráfico obtido no vão da porta do mesmo compartimento. São assinaladas as duas fases de construção do muro 2 (a sombreado, a fase mais antiga, anterior à construção do muro 3)

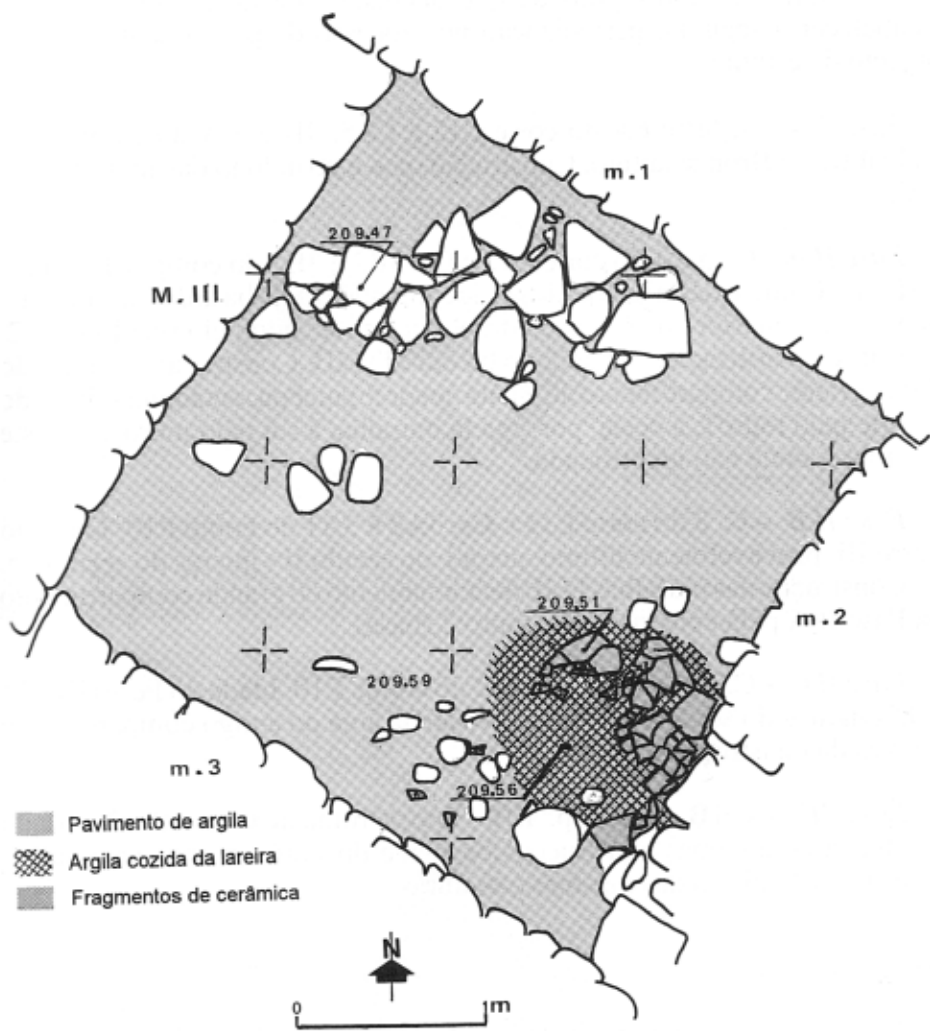


Fig. 6 – Chibanes, 1996. Planta da área escavada no *compartimento P 10* ao nível do topo da camada 3B2. Esta camada corresponde ao piso mais antigo (fase II A); era constituída por argila (representada a sombreado) e lajeado de calcarenito. De notar que a lareira foi sobreposta pelo muro 2, na fase II B, e pela porta aberta neste

FASES DE OCUPAÇÃO

As sequências estratigráficas que acabámos de descrever permitem estabelecer a seguinte periodização no processo de povoamento da área objecto de estudo:

Fase I – Cs. 6B e 6A do corte L12 e Cs.5, 4B e 4 A do comp. P10. Calcolítico e Bronze antigo. Construção, uso e abandono das muralhas IV e V.

Fase II A – Cs.5 e 4 do corte L12 e Cs. 3B2 e 3B1 do comp. P10. Idade do Ferro. O início desta fase pode ser documentado pela base da C.5 cuja data não parece anterior ao século III; ter-se-ia prolongado pelo século II a. C. Construção, utilização e abandono da muralha III. Construção e utilização de um grande compartimento de planta quadrangular ou rectangular limitado a norte pelo muro 1, a oeste por aquela muralha, a sul pelo muro 4 e a este por muro ainda não identificado.

Fase II B – C. 3 do corte L12 e Cs. 3A2 e 3A1 do comp P10. Idade do Ferro III, provavelmente último quartel do século II - inícios do século I a. C. Construção das muralhas I e II. Seccionamento do grande compartimento da Fase II A pela construção do muro 2 (base).

Fase II C – C.2 do corte L12 e C.2 do comp. P10. Idade do Ferro III; 2.º e 3.º quartéis do séc. I a. C. Nova divisão da área do antigo compartimento através da construção do muro 3.

Fase III – C.1B do comp. P10. Época romana imperial. Ocupação episódica de algumas construções da Idade do Ferro, menos arruinadas, e derrube definitivo das mesmas estruturas.

ESTRUTURAS

FASE I – A estrutura mais antiga até agora identificada é a muralha V, tendo sido posto a descoberto um troço no aprofundamento do comp. P10. Tem orientação SSW-NNE e largura indeterminada (largura máxima observável 0,45m), pois encontra-se sobreposto longitudinalmente pelo muro 2 (base). Assenta sobre a rocha que neste local apresenta acentuado declive. O seu paramento oeste (o único observável) é formado por blocos lajiformes de calcarenito de dimensão média (comprimento máximo de 0,2 m-0,3m), colocados horizontalmente e ligados por argila.

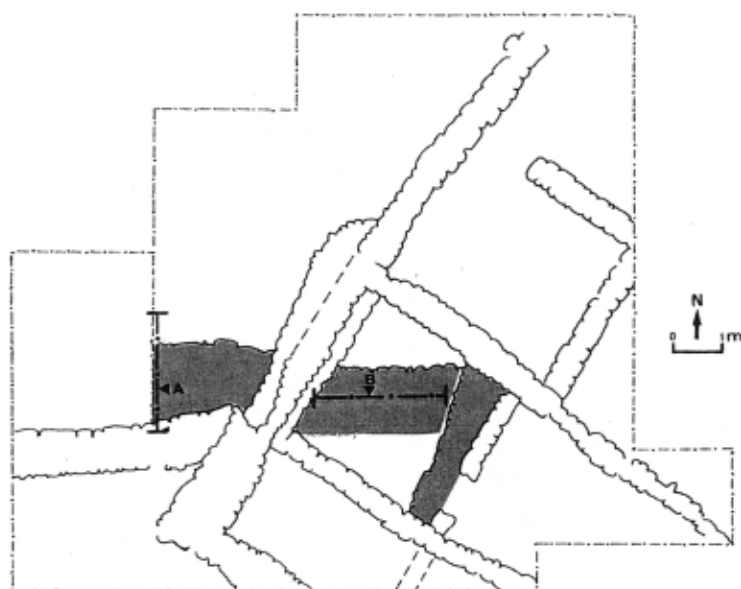


Fig. 7 – Chibanes, 1996. Planta esquemática da área escavada, com indicação de construções da fase I, Calcolítico (a sombreado) e dos perfis (A e B) que figuram na presente publicação.

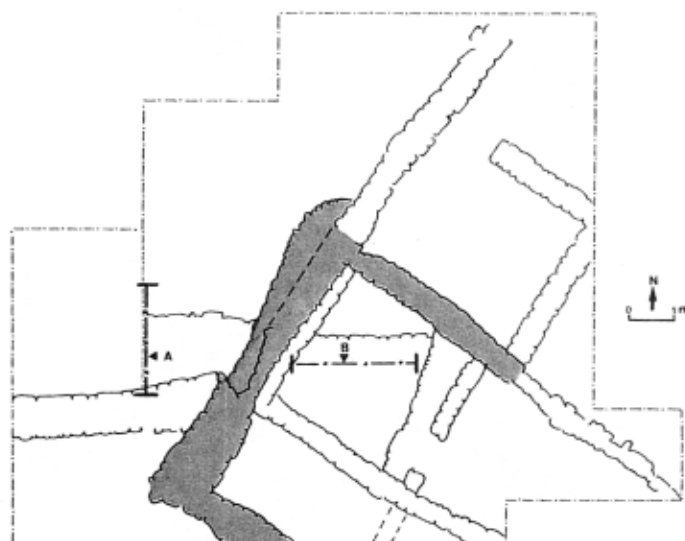


Fig. 8 – Chibanes, 1996. Planta esquemática da área escavada, com indicação de construções da fase II A, Idade do Ferro (a sombreado) e dos perfis (A e B) que figuram na presente publicação.

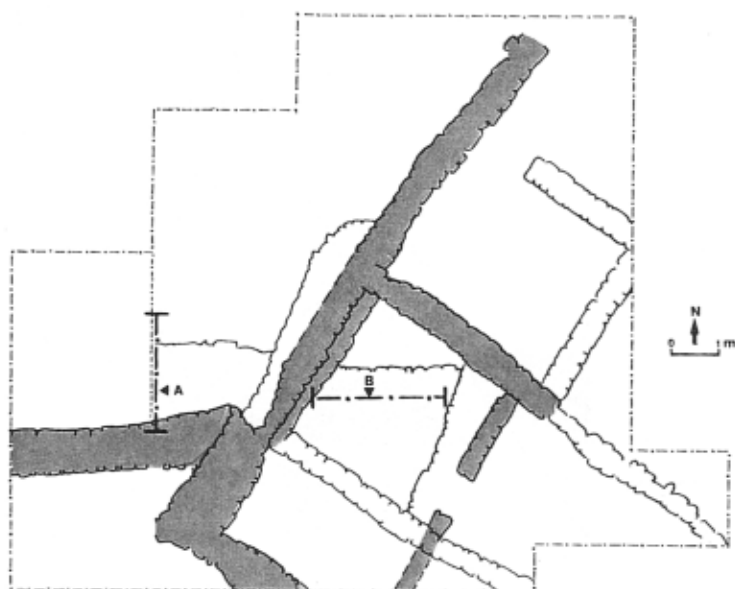


Fig. 9 – Chibanes, 1996. Planta esquemática da área escavada, com indicação de construções existentes na fase II B, Ferro final (a sombreado) e dos perfis (A e B) que figuram na presente publicação

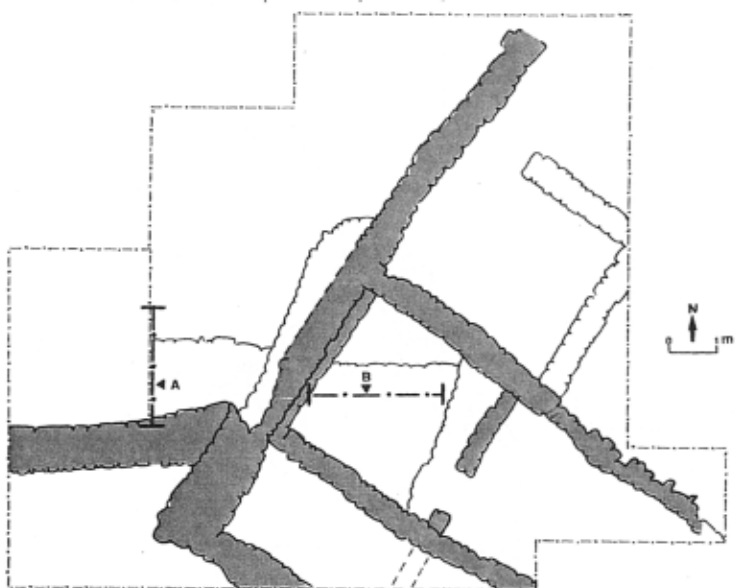


Fig. 10 – Chibanes, 1996. Planta esquemática da área escavada, com indicação de construções existentes na fase II C, Ferro final (a sombreado) e dos perfis (A e B) que figuram na presente publicação

Nos quadrados Q10 e Q11 (comp. P10), à face oeste da muralha V adossa-se a extremidade oriental da muralha IV que se dirige para poente, atravessando todo o comp. P10 e prolongando-se pelo corte L12 em uma extensão de 6 metros. A muralha IV possui 1,3m de largura; parece assentar sobre a rocha; o seu paramento norte é constituído por grandes blocos de calcarenito (muito frequentemente com 0,5m de dimensão máxima), ligados por argila. O aparelho do interior da muralha é formado por blocos menores, colocados de modo caótico, embora sempre na horizontal. A face sul encontra-se mal conservada no comp. P10 e está coberta pela muralha I no corte L12. A escavação não atingiu a base do paramento norte (fig. 7).

FASE IIA – Da primeira fase da ocupação sidérica foi posto a descoberto um troço da muralha III, com 8 metros de comprimento. Inicialmente de direcção SSW-NNE, parece inflectir para nascente no Q. 014. Este troço, bem conservado entre o Q. K8 e o Q. L10, mostra-se, a partir daqui, até ao Q. 014, muito danificado, apresentando mesmo um enorme rombo nos Qs. M10 e M11, facto que levou à formação de potente nível de derrubes (C. 4 do corte L12). A zona melhor conservada tem 1,3m de largura e possui paramentos de blocos médios a grandes de calcarenito, com um enchimento intermédio de blocos pequenos e médios, do mesmo material, ligados por argila castanho-amarelada. A extremidade sul deste troço (Qs. K7 e L7) liga-se ortogonalmente ao muro 4, parecendo marcar uma abertura no recinto amuralhado.

Os muros 4 e 1 (este último partindo também perpendicularmente da muralha III no sentido ESE) limitavam, respectivamente, a sul e a norte um vasto compartimento que a oeste se adossava à muralha e cujo limite nascente não foi ainda identificado. De planta quadrangular ou rectangular, o seu lado oeste media cerca de 6 metros (fig. 8).

O muro 1, com 0,6m de largura, foi posto a descoberto em uma extensão de cerca de 9 metros. O seu aparelho mostra uma zona intermédia de pequenos e médios blocos ligados por argila e os paramentos com pedras de maiores dimensões.

O muro 4, exumado em pequena extensão, revela aparelho semelhante, mas largura ligeiramente superior.

O pavimento desse grande compartimento (C. 3B2) era de argila castanho-amarelada, com um lajeado no canto noroeste (Q. O12). Possuía uma lareira na zona central, de planta sub-circular, com cerca de 1,2m de diâmetro. Esta foi construída com grandes fragmentos de cerâmica, cobertos por capas de argila, de disposição horizontal, que viriam a cozer, pela continuada acção do fogo. A lareira foi parcialmente afectada pela construção do muro 2, na fase IIB (fig. 6).

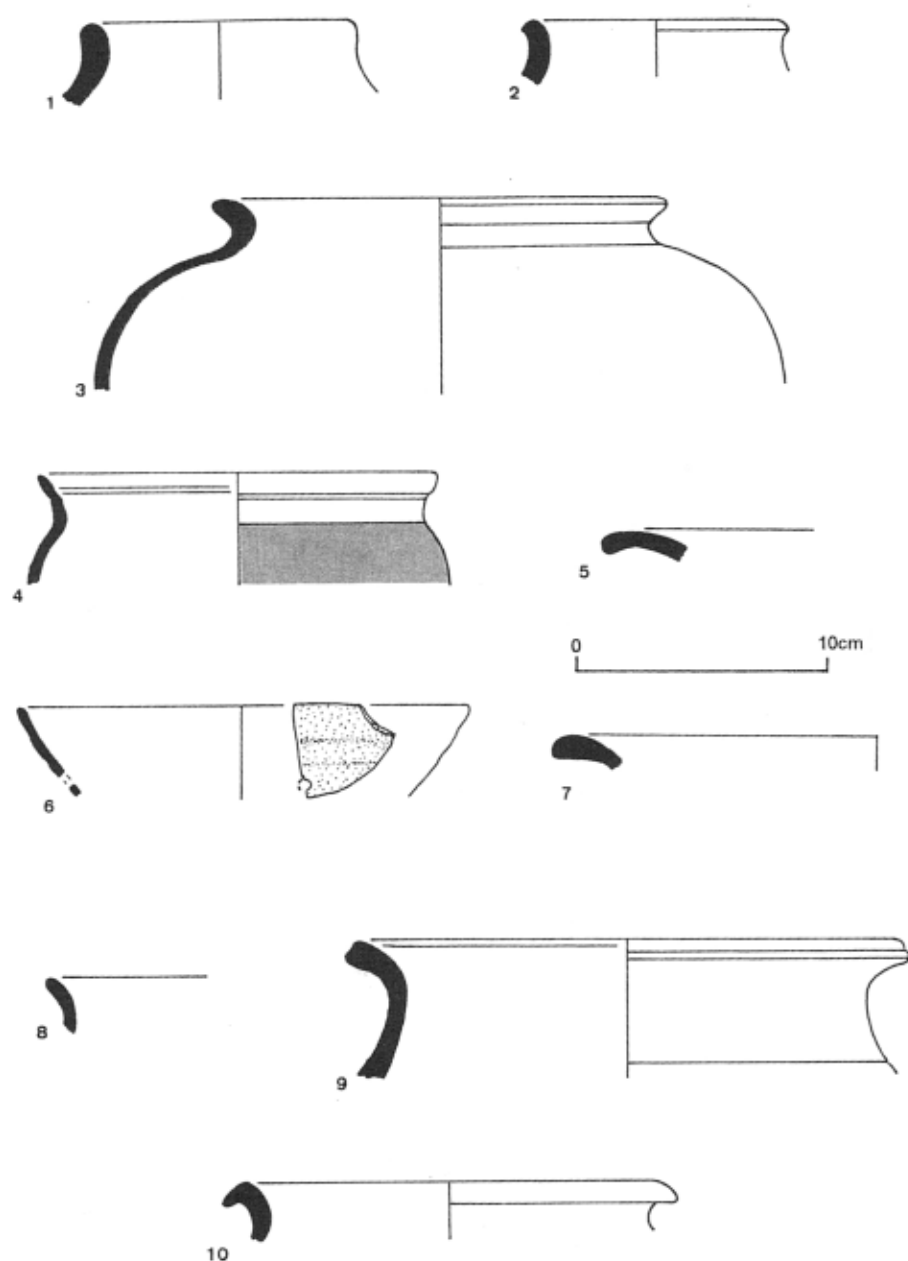


Fig. 11 – Chibanes, 1996. Cerâmica da fase II A (C.5 do *Corte L 12*): 1 – manual; 2 e 3 – ao torno com cozedura redutora; 4 – ao torno, pintada de bandas; 5 a 10 – ao torno com cozedura final oxidante

FASE II B – Durante esta fase é construída a muralha II, cujo troço posto a descoberto, com 10m de comprimento, tem orientação SSW - NNE. Do Q. M10 ao Q. O14, em uma extensão de 5m, esse troço sobrepõe-se parcial e longitudinalmente à muralha III, construída na fase anterior, e que entretanto havia sofrido grande destruição. A muralha II possui 0,8m de largura máxima. Na sua construção foram utilizados blocos de calcarenito ligados por argila, de grandes dimensões em ambas as faces e de pequenas, na zona intermédia.

O grande compartimento da fase IIA sofre uma segmentação através da construção do muro 2 (base) que possuía uma porta com 1 metro de largura. O seu aparelho é semelhante ao dos muros já descritos; tem 0,4m de largura.

Existiria, então, na fase II B, um compartimento rectangular, com 3m×5,8m, adossado à face interna da muralha II. Possuía pavimento de argila (C. 3A2) estruturado por algumas lajes dispersas. Na metade sul, quase em frente da porta (Qs. O9, O10, P9 e P10), foi construída uma lareira de planta oval, cujos diâmetros apresentam 1,6m×1,2m e cuja tipologia é idêntica à da lareira da fase II A. Junto da ombreira sul da porta, foi encontrado sobre o piso, acondicionado entre um bloco de calcarenito e um seixo rolado de quartzito, uma enxó em pedra polida. A presença não aleatória de artefactos de pedra polida, em contextos domésticos do final da Idade do Ferro, tinha já sido observada pelos signatários no povoado do Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1973). Tratar-se-á da manifestação de um comportamento ritual relacionado com a atribuição de características mágicas aos instrumentos de pedra polida, como até há bem pouco tempo acontecia em ambientes rurais portugueses?

Na fase II B constrói-se também a muralha I (atenda-se à estratigrafia do corte L12). A sua extremidade este adossa-se à face externa da muralha III (Qs. K9 e L10). Alarga-se deste modo a área defendida. A muralha I, posta a descoberto em uma extensão de 4,5m, apresenta 0,9m de largura, direcção E-W e possui paramentos constituídos por grandes e médios blocos de calcarenito, lajiformes, de faces aparelhadas; no interior, blocos de menores dimensões ligados por argila (fig. 9).

Fase II C – Mantêm-se em funcionamento as muralhas da fase II B.

A área do grande compartimento da fase II A sofre nova e derradeira divisão ao ser construído o muro 3, cuja extremidade oeste se adossa à face interna da muralha II. De direcção WNW - ESE, o muro 3 passa sobre o muro 2 (base); mostra aparelho semelhante aos já descritos e tem 0,5m de largura.

O muro 2, que no final da fase IIB se encontraria muito arruinado, restando somente a base, é, na fase IIC, reconstruído em altura. Fica, assim, concluído o compartimento P10, tal como chegou até nós (fig. 10). Planta

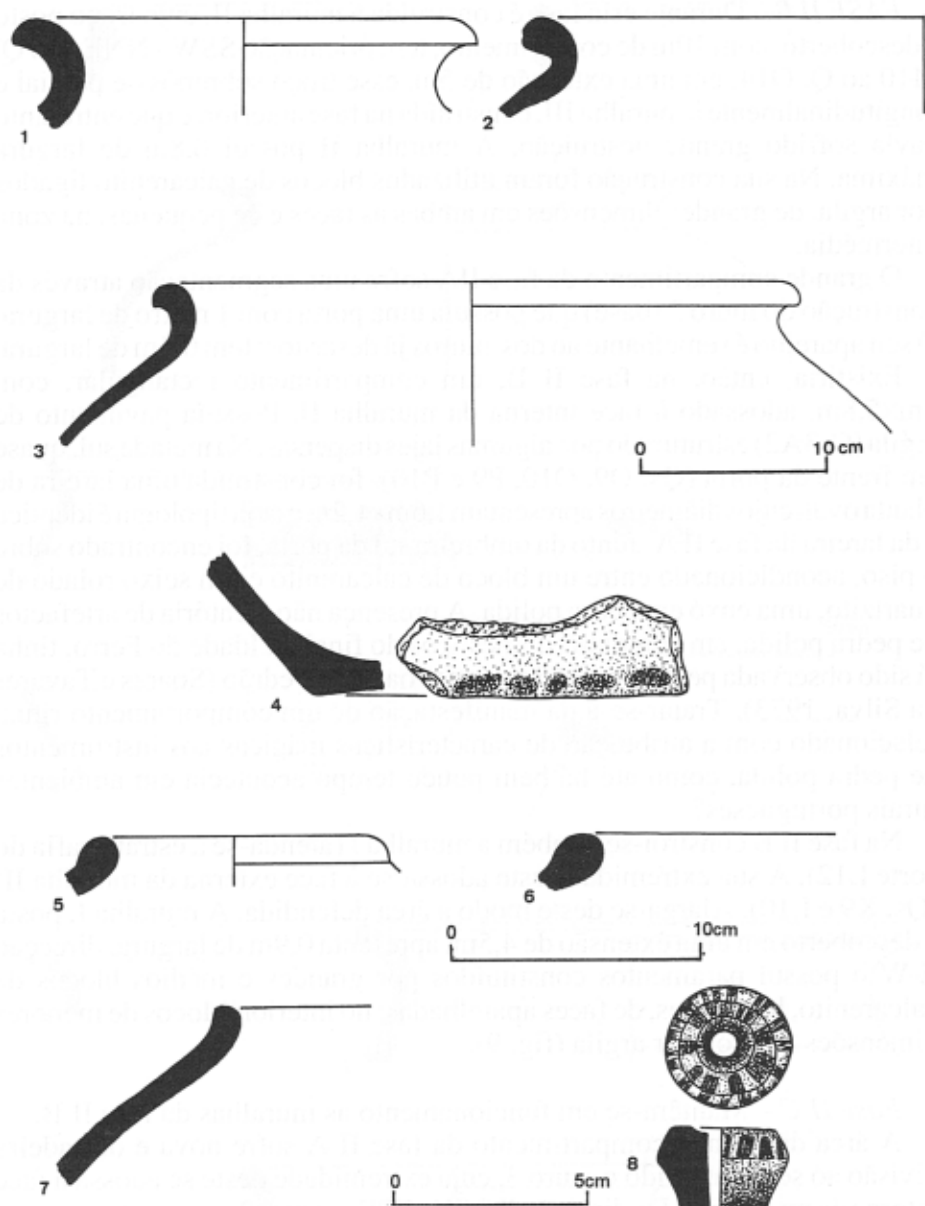


Fig. 12 – Chibanes, 1996. Cerâmica da fase II A (C.5 do Corte L 12): 1 a 4 – ao torno com cozedura final oxidante; 5 a 7 – ânforas; 8 – fusaiola com decoração impressa

aproximadamente quadrangular, com 2,3m×2,5m. Mantém-se a porta da fase IIB, agora excêntrica. O pavimento é argiloso, estruturado quer por nódulos de calcário moído quer por áreas lajeadas. A lareira localizava-se junto do muro 2, no canto NE do compartimento. De tipologia distinta das anteriores, em fossa, possuía planta oval com 1,1m×0,6m e a profundidade de *ca* 0,15m. De fundo aproximadamente plano, a fossa de combustão foi sendo preenchida por abundantes cinzas, fragmentos de grandes recipientes cerâmicos, blocos de rocha local. Na última fase de utilização, foi constituído um piso com fragmentos de cerâmica de grandes dimensões dispostos horizontalmente em uma superfície sub-circular, com *ca* 0,80m×0,60m, ficando a restante área da lareira ocupada por cinzas. A abertura da fossa de combustão afectou o topo da muralha V, calcolítica. Junto da lareira, abandonado sobre o piso correspondente à C. 2B, encontrou-se um peso de tear.

DISCUSSÃO

A intervenção arqueológica, objecto da presente notícia, veio mostrar que o extenso povoado fortificado da II e III Idades do Ferro, com cerca de 300m de comprimento ao longo da crista da Serra do Louro, foi intensamente urbanizado e manteve uma dinâmica de ocupação muito activa, com diversas fases de construção e de reorganização do espaço habitado. A fundação do povoado da Idade do Ferro parece não ser anterior ao séc. III (fase IIA), mas só o alargamento da área escavada e o estudo aprofundado do espólio exumado poderão, evidentemente, responder a esta questão. A ocupação mais antiga da Idade do Ferro inicia-se com a construção de um perímetro amuralhado e com a urbanização do espaço intra-muros. Na área por nós intervencionada edifica-se um grande compartimento de planta rectangular/quadrangular adossado à muralha. Esta comportou-se como o principal elemento estruturante da urbanização do sítio. As paredes desse compartimento eram constituídas por blocos de calcarenito extraídos do substrato rochoso local, ligados por argila (a arquitectura em terra, adobes e/ou taipa, não parece ter sido relevante em Chibanes). Sobre o piso de argila batida do compartimento, foi construída uma lareira de planta aproximadamente circular, com grandes fragmentos de recipientes cerâmicos, consolidados por capas de argila. Este povoado fortificado revelou a prática de economia aberta. Assente na agro-pastorícia, desenvolveu a caça, consumiu abundantes recursos marinhos e recebeu mercadorias de origens distantes, de alto valor acrescentado: quer do continente (mundo

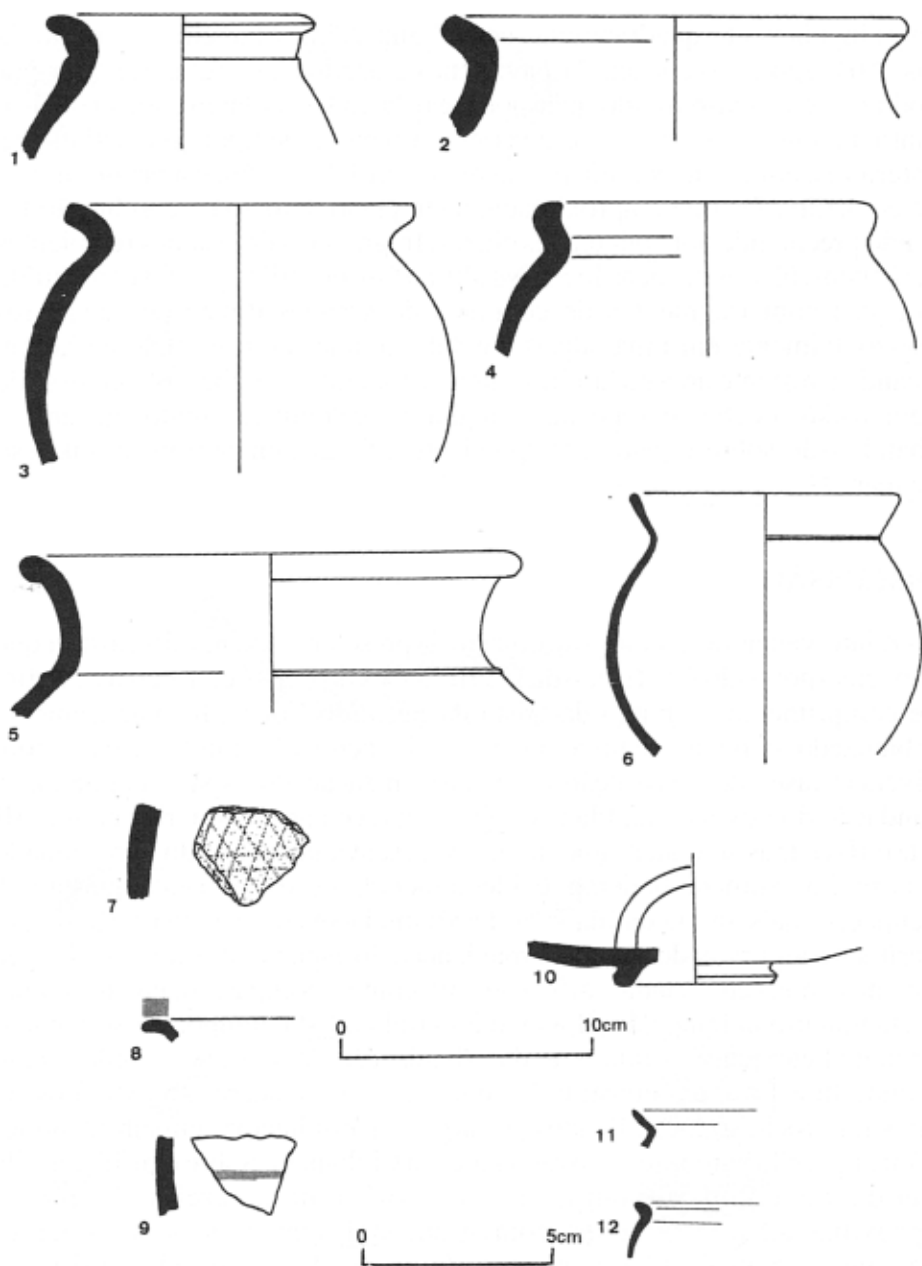


Fig. 13 – Chibanes, 1996. Cerâmica da fase II B (C.3 do *Corte L 12*): 1 a 3 – manual; 4 e 5 – ao torno com cozedura redutora; 6 e 7 – «cerâmica cinzenta» (a nº 7 com decoração brunida); 8 e 9 – pintada de bandas; 10 – campaniense A; 11 e 12 «paredes finas»

mesetinho), de carácter celtizante, como fíbulas de la Tène II, por ex., quer do litoral mediterrâneo (precampaniense).

O povoamento da península de Setúbal durante a Idade do Ferro foi condicionado pela forte polarização exercida pelos estuários do Tejo e Sado (Tavares da Silva e Soares, 1993, 178-179). Na margem esquerda da foz do Tejo, o grande povoado de Almaraz, com origens no final da Idade do Bronze (Barros *et al.*, 1993), permanecerá ocupado até à III Idade do Ferro, correspondente ao período romano-republicano. Embora não conheçamos a área submetida aos seus *spread effects*, não nos parece ousado afirmar que controlou, no decurso da sua longa existência, o acesso à zona ribeirinha e particularmente à área portuária da margem sul do estuário do Tejo. Chibanes estaria então, provavelmente, integrado no subsistema de povoamento da foz do Sado. O sítio da colina de Santa Maria, na área urbana de Setúbal, cuja fundação remonta ao Bronze Final (Soares e Tavares da Silva, 1986) poderá ter comandado, até aos sécs. V-IV a.C., o acesso à desembocadura do Sado. Terá Chibanes surgido na sequência do abandono do povoado da colina de Santa Maria, absorvendo as suas funções? Objectivamente, não se conhece, por enquanto, outro habitat nas margens da desembocadura do Sado com ocupação do séc. III a.C.. Situação diferente pode ser constatada nos finais do séc. II-séc.I a.C.. A par de Chibanes, surgem novos povoados, mais próximos da linha de costa: Pedrão e Castelo dos Mouros (Tavares da Silva e Soares, 1986, 140-149). A pressão itálica é bem evidente na cultura material destes povoados. Destaque para a cerâmica campaniense B, ânforas Dressel I, numismas hispânicos, sobretudo de Gadir e Cetóbriga/Salácia (Tavares da Silva *et al.*, 1973). A oficina monetária que laborou na área do Baixo-Sado, muito provavelmente na sua maior urbe, que viria a dar origem à Salácia romana, inscrevia-se claramente no círculo das cunhagens fenícias do sul da Península e, tal como essas oficinas, usava o padrão metrológico romano.

O incremento da circulação monetária respondia ao desenvolvimento das transacções comerciais com o mundo itálico e ao pagamento de tributos a Roma exigidos à *formação social fenícia ocidental* (López Castro, 1995, 131-133). A pressão do Estado romano poderá ter induzido igualmente uma intensificação da produção, nas cidades fenícias ocidentais, com recurso a mão-de-obra escrava, sobretudo no sector das salgas de peixe, claramente virado para o mercado, em fase de expansão (López Castro, 1995, 131). No pequeno povoado fortificado do Pedrão, são mais abundantes que em Chibanes as evidências da intensificação do comércio marítimo mediterrâneo,

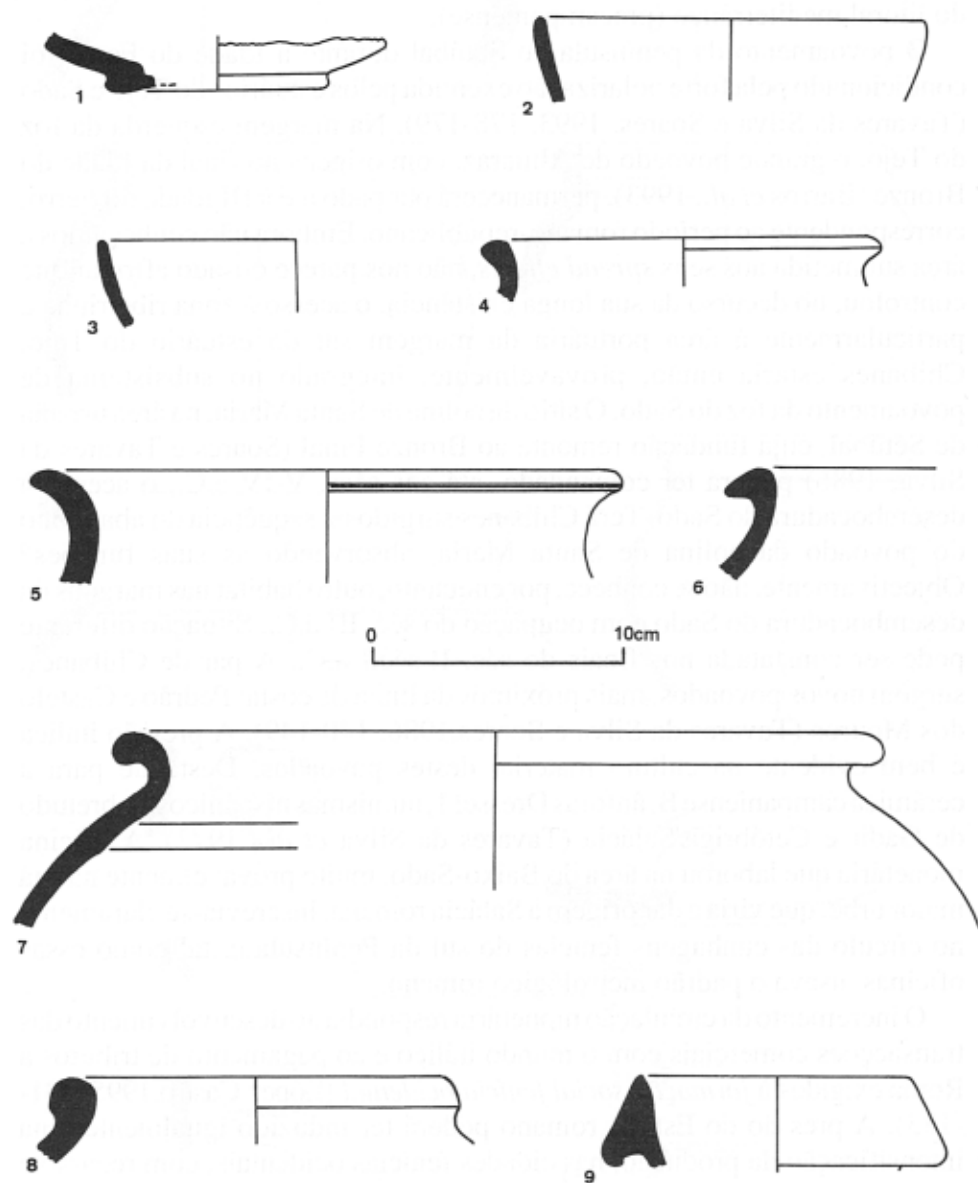


Fig. 14 – Chibanes, 1996. Cerâmica da fase II B (C.3 do Corte L 12): 1 a 7 – ao torno com cozedura final oxidante (o nº 1 pode pertencer a um «prato de pescado»); 8 e 9 – ânforas

durante os sécs.II-I a.C. (Soares e Tavares da Silva, 1973). O Pedrão pode ter sido um entreposto comercial na rota atlântica gerida por Gadir, especialização que explicaria a sua coexistência, e quiçá dependência, relativamente a Chibanes.

Os mercadores fenícios do Círculo do Estreito transaccionavam as suas produções de salgas de peixe embaladas em ânforas da forma Maña C2b a par de mercadorias oriundas da península itálica como vinhos, transportados em ânforas Dressel I, cerâmicas campanienses e paredes finas (López Castro, 1995), materiais bem representados em Chibanes, Pedrão e Castelo dos Mouros, na foz do Sado, bem como em outros estabelecimentos da fachada atlântica peninsular, nomeadamente no Cerro do Cavaco (Tavira), foz do Arade (Portimão), Vila Velha (Alvor), Odemira, Miróbriga, Castelo de Alcácer do Sal, Cacém, Conímbriga.

Os três sítios da III Idade do Ferro da foz do Sado mostram excepcionais condições naturais de defesa. Sobre o Castelo dos Mouros, muito erodido, não dispomos de informação de carácter arquitectónico. O Pedrão, verdadeiro *ninho de águias*, completou as boas condições naturais de defesa através de amuralhado em arco de círculo, implantado no lado mais vulnerável. Aqui, como em Chibanes, integraram-se, sabiamente, as potencialidades naturais de defesa nos respectivos programas de fortificação. Em ambos os casos, a muralha foi o principal elemento estruturante da urbanização. As unidades habitacionais adossam-se-lhe. No Pedrão são de planta rectangular (ca. 6m×3m) e encontram-se equipadas por lareira de planta aproximadamente circular constituída por grandes fragmentos de cerâmica e argila. Chibanes, durante este período (fases II B e IIC), procede não só à reorganização do sistema defensivo como segmenta os grandes compartimentos da fase anterior, surgindo unidades domésticas de planta quadrangular com ca 2,5m de lado. As técnicas construtivas usadas em ambos os povoados oferecem nítidas afinidades, muito embora no Pedrão o recurso à argila (taipa e/ou adobes) pareça ter sido mais frequente.

Sob as camadas arqueológicas da Idade do Ferro, surgem, em Chibanes, níveis do Calcolítico e Bronze antigo, com estruturas conservadas, de tipo defensivo. Estas ocupações pré-históricas foram atingidas pela escavação em reduzida área e apenas em parte da respectiva potência estratigráfica. Da informação recolhida importa salientar a descoberta de dois troços de estruturas defensivas calcolíticas e a associação de cerâmica campaniforme à fase de destruição daquelas estruturas. O aparecimento de cerâmica canelada, embora proveniente do paleossolo formado após o abandono do povoado pré-histórico, permite situar a origem deste no início do Calcolítico.

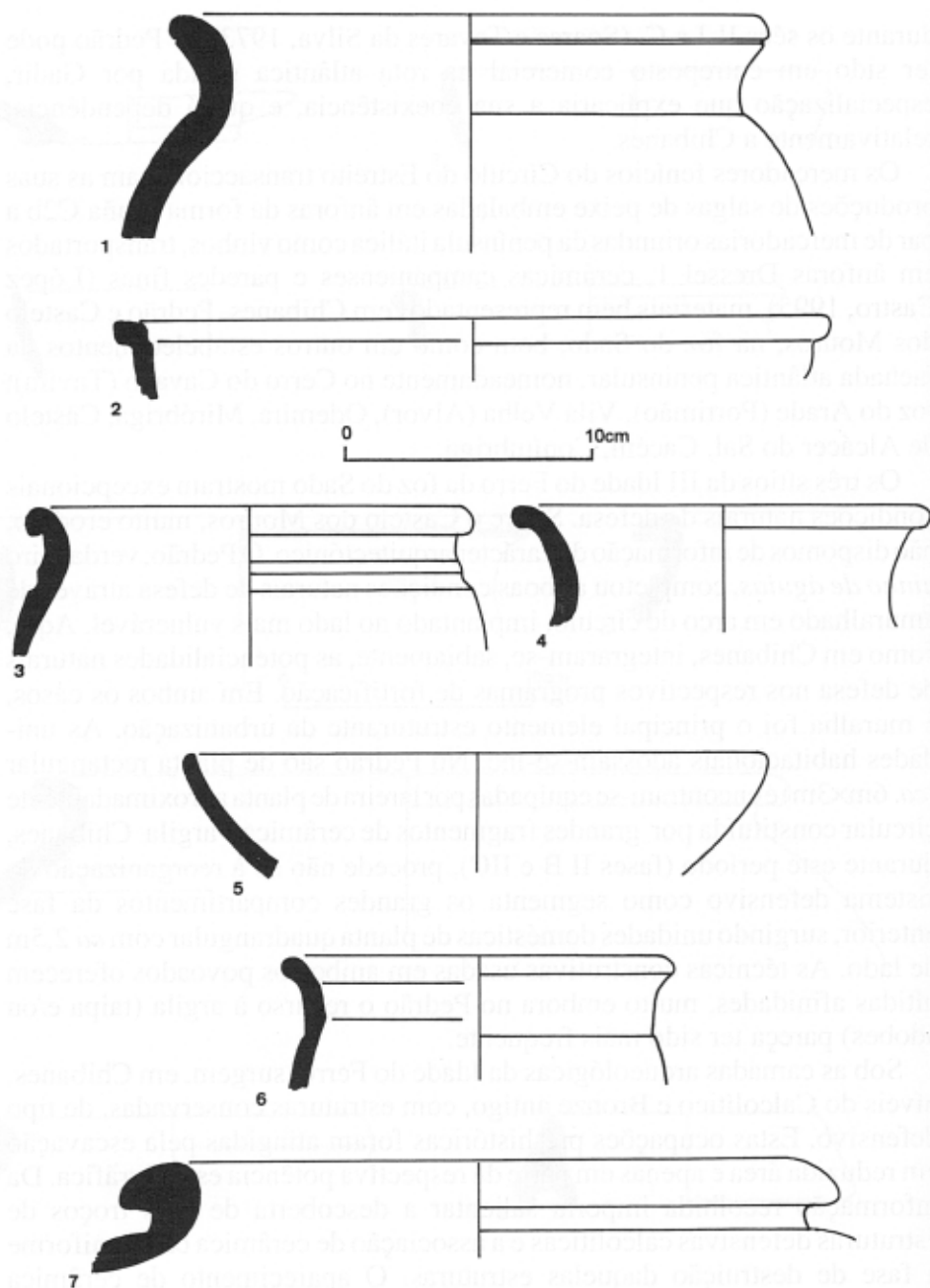


Fig. 15 – Chibanes, 1996. Cerâmica da fase II C (C.2 do Corte L 12): 1 – manual; 2 e 3 – ao torno com cozedura redutora; 4 a 7 – ao torno com cozedura final oxidante

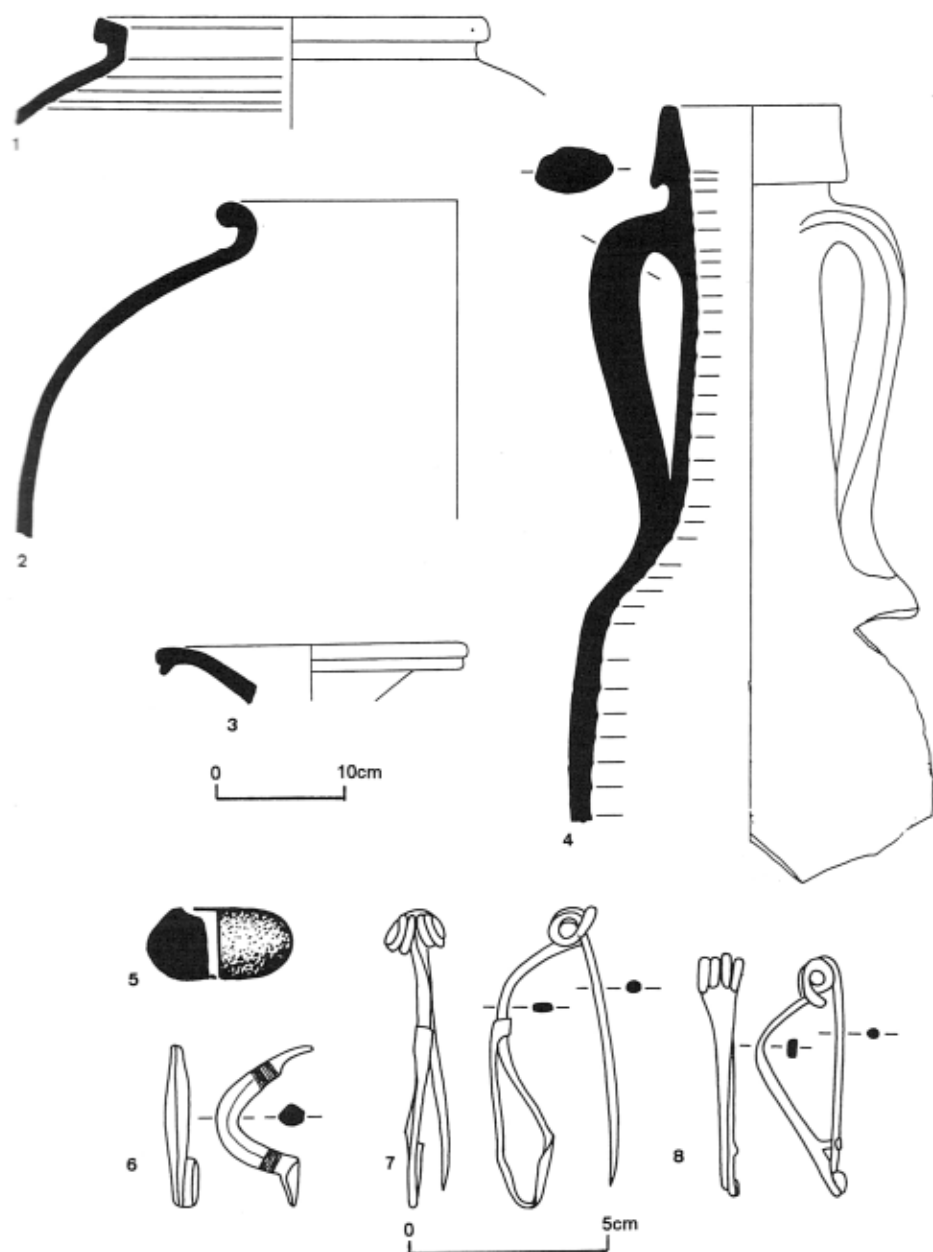


Fig. 16 – Chibanes, 1996. Materiais cerâmicos e metálicos da fase II C (C.2 do Corte L 12):
 1 e 2 – cerâmica ao torno com cozedura final oxidante («talhas»); 3 e 4 – ânforas;
 5 – fusaiola; 6 a 8 – fíbulas

São flagrantes as semelhanças da cultura material da ocupação calcolítica de Chibanes com a do vizinho povoado da Rotura. A coexistência destes dois povoados, de igual grandeza, conduz-nos à reflexão sobre o padrão de povoamento calcolítico. Na situação vertente não é admissível propor qualquer sistema de povoamento hierarquizado; pelo contrário, ajustam-se melhor a essa situação relações de tipo paritário: um território/um povoado, estável, autónomo, fortificado. Chibanes seria, então, o povoado que durante todo o Calcolítico e Bronze antigo utilizou a necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo? Estando a Rotura virada para a planície aluvial do Sado, chegaria o território de Chibanes às margens de Tejo?

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, L., CARDOSO, J. L., e SABROSA, A., 1993, Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz-Almada. *Estudos Orientais*, 4: 143-181.
- BEIRÃO, C. M., e GOMES, M. V., 1983, A necrópole da Idade do Ferro do Galeado. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1: 207-266.
- BEIRÃO, C. M., TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., GOMES, M. V., e GOMES, R. V., 1985, Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, S.IV, 3: 45-136.
- COELHO-SOARES, A., 1986, Achados arqueológicos na Vila de Odemira. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1: 87-92.
- CUADRADO, E., 1978, Fibulas de la Tene en el Cigarralejo. *Trabajos de Prehistoria*, 35: 307-336.
- DELGADO, M., 1971, Cerâmica campaniense em Portugal. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Ministério da Educação Nacional, Coimbra: 403-420.
- ESTÁCIO DA VEIGA, S. P. M., 1891. *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, IV: 148.
- FERREIRA, F. B., 1959, O problema da localização de Cetóbriga. Seu estado actual. *Conimbriga*, I: 41-70.
- GALLAY, G., SPINDLER, K., TRINDADE, L., e FERREIRA, O. da V., 1973, *O Monumento Pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GUADAN, A. M. de, 1969, *Numismática Ibérica e Ibero-Romana* (Bibliotheca Archaeologica, VI), CSIC, Madrid.
- LÓPEZ CASTRO, J. L., 1995, *Hispania Poena. Los Fenicios en la Hispania Romana*, Ed. Crítica, Barcelona.
- MAIA, M., 1978, Ânforas neopúnicas do Sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas, 1977*, I, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 199-207.
- MARQUES DA COSTA, A. I., 1906, Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*, XI, n.^{os} 1-4: 40-50.

- MARQUES DA COSTA, A. I., 1908, Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idade eo-metallica (ou do cobre e bronze primitivos). *O Archeologo Português*, XIII, n.º 7-12: 270-283.
- MARQUES DA COSTA, A. I., 1910, Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal - Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*, XV: 55-83.
- MARQUES DA COSTA, A. I., 1926, Setúbal antiga. Localização de Cetóbriga. *Cetóbriga*, I, n.º 2-5.
- MOHEN, J-P, 1976, La présence celtique de la Tène dans le Sud-Ouest de l'Europe: Indices archéologiques. *Les Mouvements Celtiques du Ve au Ier Siècle Avant Notre Ère (Actes du XXVIIIe Colloque International)*, CNRS: 29-48.
- SOARES, J., 1978, Nótula sobre cerâmica campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, IV: 133-143.
- SOARES, J., e TAVARES DA SILVA, C., 1973, Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, I, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 245-305.
- SOARES, J., e TAVARES DA SILVA, C., 1979, Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, V: 159-184.
- TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., BEIRÃO, C. M., DIAS, L. F., e COELHO-SOARES, A., 1980-81, Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, VI-VII: 149-218.
- SOARES, J., e TAVARES DA SILVA, C., 1986, Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Trabalhos de Arqueologia, 3), IPPC, Lisboa, pp. 87-100.
- TAVARES DA SILVA, C., e SOARES, J., 1986, *Arqueologia da Arrábida*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C., e SOARES, J., 1993, *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C., COELHO-SOARES, A., e SOARES, J., 1987, Nota sobre material anfórico da foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*, VIII: 203-219.
- TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., e SANTOS, M. F., 1973, Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, I, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 307-318.
- VIVES Y ESCUDERO, A., 1926. *La Moneda Hispánica*, Real Academia de la Historia, Madrid.